

Folha d'Ovar

SEMAMARIO REGENERADOR

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
 Com estampilha 600 »
 Fóra do reino acresce o porte do correio.
 Pagamento adiantado.
 Anunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO—LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E EDITOR

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
 Anuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis.—Anuncios permanentes, 5 réis.
 25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
 Folha avulsa, 20 réis.

EXPEDIENTE

Tendo começado o 2.º semestre da «Folha d'Ovar» em 21 de dezembro passado e que termina em 21 de junho do corrente anno, vamos proceder á sua cobrança.

A todos os nossos assignantes, pois, a quem vamos enviar os competentes recibos pelas vias do correio e pelo distribuidor d'este jornal, pedimos a fineza de mandarem satisfazer as respectivas importancias promptamente, favor que, antecipadamente, agradece a

ADMINISTRAÇÃO.

Ovar, 27 de fevereiro

A REFORMA ELEITORAL

IV

Na *Revista Nacional*, n.º 9, publicamos as mesmas ideias sobre a forma do suffragio que vamos aqui expendendo.

As eleições por classes deviam acompanhar-se das juntas geraes da provincia á imagem de pequenos parlamentos.

Estes haviam de influir em

novo espirito ao paiz, dar mais valor á provincia, seriam os órgãos geradores da opinião publica, despertariam a inicitiva, ligariam os homens importantes das localidades, modificariam poderosamente a influencia do poder central.

Se um terço dos representantes da provincia fosse eleito d'entre os que tivessem diplomas, scientificos ou litterarios, e outro terço d'entre os maiores proprietarios, commerciantes ou industriaes, certamente a maioria seria illustrada, e a mais independente.

E se metade dos membros eleitos da segunda camara, ou todos, sahisses do voto das côrtes provinciaes, crescerá a sua importancia, a sua entidade politica.

E' o nosso paiz um dos mais homogeneos da Europa: as suas provincias não são rivaes, não se receie que se levantem e desunam, ou que as divergencias se exaltem e comprometam a nacionalidade.

Compreende-se, que o despotismo annulle toda a acção local, está isso na sua indole, e na sua doutrina:

Os discipulos ficaram tão maravilhados como o auctor do «Descimento».

O quadro representava a morte de um religioso ainda moço, e de tal belleza que a penitencia e agonia não tinham podido apagar.

Achava-se estendido nos ladrilhos da sua cella, velados já os olhos pela morte, com a mão esquerda estendida sobre uma caveira, e abraçando com a outra junto ao coração um crucifixo de madeira e cobre.

No fundo descobria-se outro quadro que figurava estar suspenso da parede da cella, por cima do leito d'onde indubitavelmente descera o frade para morrer com mais humildade na dura terra.

Este segundo quadro representava uma mulher, tambem moça e formosa, porém igualmente morta, e estendida n'um ataúde entre funereos tocheiros e luxuriosos crepes.

Ninguém poderia olhar estas duas scenas, contidas uma na outra, sem comprehender que se explicavam e completavam reciprocamente. Um amor des-

mas se um governo representativo tão mal se comprehende, que a absorve egualmente, prepara a sua ruina, contradiz a sua essencia, e acanha as forças do paiz.

Precisa-se de vida em todo o organismo.

Não venham objectar-me com serem pequenas as nossas provincias: bem pequenas são as da Hollanda e da Suissa, pois que a população de algumas não excede 3 mil, 20 mil, 50 mil habitantes... e comtudo é á descentralisação politica e administrativa, que esses estados-modelos devem a sua prosperidade, e uma força que não está em relação com o seu territorio, pois resistiram a colossos taes como Carlos V e Luiz XIV, etc.

V

Os mesmos interesses provocam a actividade collectiva.

Relacionem-se os homens influentes das localidades, combinem-se sobre os interesses da sua provincia—sobre os meios de desenvolver e proteger os seus recursos, sobretudo a agricultura, base da nossa economia.

graçado, uma mulher morta, um desgano da vida, um esquecimento eterno do mundo —eis o mysterioso drama desenhado nos dois quadros que encerrava aquella pintura.

Além d'isso, a composição, o desenho e o colorido, revelavam um genio de primeira ordem.

O pasmo de Rubens era cada vez maior.

—Mestre, de quem será esta magnifica obra? —perguntaram a Rubens os discipulos que já tinham visto o quadro.

—N'este angulo houve um nome escripto —respondeu o mestre; —ha poucos mezes, porém, que foi riscado. Em quanto á pintura, não tem mais de trinta annos nem menos de vinte.

—O auctor...

—O auctor, pelo merito do quadro, podia ser Velasquez, Zurbaran, Ribera ou Murillo. (1) Não é Velasquez nem Zurba-

(1) Velasquez, Zurbaran, Ribera e Murillo, são os quatro mais famosos pintores hespanhoes contemporaneos de Rubens (seculo XVII).

Se a representação do paiz correspondesse aos interesses nacionaes, não teriamos diante dos olhos o quadro seguinte:

Os impostos vexando a grande maioria dos agricultores—direitos de registo, que em menos de vinte annos absorvem o valor dos predios, execuções frequentes por dividas sem aquellas companhias que n'outras paizes valem aos devedores, ignorancia quasi geral dos melhores processos, e das industrias agricolas mais faceis de se emprehenderem, a ausencia de sociedades protectoras, nada de credito rural, os mananciaes que deixam de utilizar-se, e poderam fertilisar immensas terras, a concorrência nos productos similares, e ainda a desproporção nas pautas aduaneiras em seu desfavor, o isolamento e o desanimo na classe productora, a mais numerosa, a que mais trabalha, e que mais concorre para o bem estar das outras; e que deve ser prospera para que toda a nação o seja.

Sem o seu progresso não melhoram as finanças.

Lourenço d'Almeida e Medeiros

ran, se se attender á côr, e ao modo de ver o assumpto. Tambem não deve attribuir-se a Murillo nem a Ribera; aquelle é mais terno e este é mais sombrio; além d'isso, não pertence ás suas escolas. Em summa, não conheço o auctor do quadro, e até juraria que nunca vi trabalhos seus. Vou mais longe; creio que o pintor desconhecido que legou ao mundo esta obra primorosa, não pertenceu a nenhuma escola, nem pintou outro quadro além d'este, nem teria podido pintal-o de modo que se lhe approximasse em merito, apesar do genio que n'elle se revela. E' esta uma obra de pura inspiração, um assumpto proprio, um reflexo da alma, a copia da vida... Querem saber quem pintou este quadro? Pintou-o, sem duvida, o proprio morto que n'elle vêem!

—Engana-se, mestre.

—Não; bem me entendo.

—Como julga que um defuncto haja podido pintar a sua vida?

—Julgando que um vivo pôde pintar a sua morte.

—Acredita-o?

CONFRONTOS

Do *Povo d'Ovar*, jornal do snr. Fragateiro, n.º 69 de 20 de novembro de 1887:

«Sustentados por crimes, inaugurando a época do cacete e do trabuco, levantando as forças como bandeira de combate, os «progressistas» d'este concelho implicados em processos de querellas e policias correcionaes procuram ainda por ultimo esforço anniquilar a acção do poder judicial, para que o cacete, corroborado por uma sentença possa ser elevado á cathegoria de instituição.

A politica concelhia «progressista» resume-se apenas na sequencia ininterrupta de crimes. Não podem conceber outros planos e differente direcção, as intelligencias tacanhas que dirigem esse bando anarchico, sustentado perante o ministerio pelo desembargador Francisco Mattoso.

Nem um acto sério, regular, tem manifestado o viver normal d'um partido politico.

A campanha das bombas chinezas e o alistamento de garotos, actos que acompanharam a apresentação á iniciação do depois chefe, imprimiram ao bando o caracter e a indole que depois se havia de manifestar quando o ministerio depositou a auctoridade administrativa nas mãos d'um inepto sem vergonha, d'um bandoleiro sem ca-

—Creio que aquella mulher que está no fundo do quadro, era a alma e a vida do frade morto no chão; creio que quando elle morreu, tambem elle se julgou morto, e morreu effectivamente para o mundo; creio, emfim, que esta obra, mais que o ultimo instante de seu heroe ou de seu auctor, que é indubitavelmente a mesma pessoa, representa a profissão de um mancebo desenganado da vida.

—De qualquer modo...

—De qualquer modo o assumpto ha de ter data, e o esquecimento ou o tempo cura tudo. Necessitamos de procurar o desconhecido artista, e saber se chegou a executar outras obras.

II

Fallando d'esta fórma, Rubens dirigiu-se a um frade que resava na capella-mór, e disse-lhe com a sua habitual jovialidade.

—Terá a bondade de annunciar ao padre prior que quero fallar-lhe da parte d'el-rei?

raeter, vindo das bandas de Ribeirão.

E' manifesto que este proceder indigno e degradante havia de affastar todos os homens sensatos e dignos do grupo que se enlameava a todos os momentos que descia de mais a mais na senda do crime. Foi por isso que os «progressistas» vendo a reacção constante, que os seus actos maus faziam avultar, se cobriram com as auctoridades administrativas e com a força militar profusamente espalhada pelo theatro das suas façanhas e esparcaram covardemente cidadãos indefesos, velhos e mulheres, na occasião em que se realisavam os mercados semanais.

Nesses actos selvagens e n'outros onde a execução variou um pouco nas diversas solemnidades que os acompanhavam, consiste a politica implantada.

Hoje o concelho um pouco mais desafogado, vendo que esse bando é demasiado pequeno para refrear a vontade de tantos cidadãos, começa a pedir o justo castigo dos criminosos; e estes, amedrontados agora, escudam-se novamente com as auctoridades administrativas que perpetraram as maiores violencias e crimes para que o terror ainda predomine por algum tempo.

E depois d'isto dizem que o partido adverso está morto!

Sim, talvez, na opinião d'algum louco que ainda tente illudir-se e illudir o povo bastante conhecedor das circumstancias da lucta que em breve terá o seu desfecho natural. Porque é impossivel durar por muito mais tempo o estado de pressão a que o bando das auctoridades sujeitou a villa e o concelho.

Tempo virá em que o morto erguendo-se com a vara da justiça procurará justamente reparar as offensas causadas e vin-

gar as victimas. N'esse dia o concelho levantar-se-ha como um só homem, e irá pedir aos culpados a responsabilidade de todas as façanhas.

(Conclue.)

NOTICIARIO

Chronica do carnaval

Terminaram as folias carnavalescas como começaram: muito entusiasmo, muita alegria, um perfeito de irio!!!...

Desde que nos conhecemos, já-mais vimos festejos tão ruidosos, tão fóra do usual, tão de arrebatrar as gentes!

E, não obstante, durante os trez dias de grandissima... reinação, fez um tempo pessimo de que não ha memoria. D'onde se conclue facilmente que, a haver bom tempo, o carnaval n'esta terra, daria echo em todo o mundo, inclusivê no mundo celeste!

Francamente, espantamos-nos e surpreendemos nos...

Uma maravilha, cazo unico, o carnaval vareiro!

Todos os habitantes d'esta terra, mesmo aquelles pezados pela idade avançada e por isso mesmo mais pecatos, fizeram a sua *perna*: jogaram o entrudo!

Durante o dia, muitas mascaras, e todas repl'cias de... espirito, por essas ruas fóra, até á noite; depois das 8 da noite, bailes publicos (um por atacado) em caza do sr. Cerveira, nos baixos do seu predio, á rua de S. Bartholomen.

Concorrencia numerosissima tanto de damas... á pressa, como de cavalheiros feitos e outros a ensaiarem-se para isso. Todas as noites dançava-se até alta hora da madrugada.

No bairro da E-tação, como dissemos, e ás 3 horas, houve tourada.

Informou-nos o bilheteiro que foram vendidos sete mil e quaren-

dos outros homens. Indique-me o convento em que se occulta o grande artista, eu irei buscá-lo, e restituil-o-hei á sociedade. Quanta gloria o não espera!

—Mas... se elle a recusar?

—Se a recusar supplicarei ao papa, com cuja amizade me honro, e o papa o convencerá melhor que eu.

—O papa!—repetiu o prior.

—Sim, padre; o papa—tornou Rubens.

—Veja que não lhe diria o nome do pintor, ainda que me lembrasse d'elle; veja que não lhe direi o convento em que se refugiou.

—Não tem duvida, padre; o rei e o papa o obrigarão a dizer—respondeu Rubens grosseiramente.

—Não faça tal!—exclamou o frade.—Andaria bem mal, senhor Rubens! Leve o quadro, se quizer; porém deixe tranquillo o que repousa. Fallo-lhe em nome de Deus! Sim, eu conheci, amei, consolei, resgatei, salvei de entre as ondas da sociedade, naufrago e agonizante esse grande homem, como diz, esse desgraçado e cego mortal, como lhe chamo; esquecido hontem de Deus e de si proprio, hoje proximo da suprema felicidade. A gloria! Conhece outra maior do que essa a que elle aspira? Com que direito quer resuscitar-lhe n'alma o fogo fatuo das vaidades mundanas, quando lhe arde no coração o facho inextinguivel da caridade? Julga que esse homem, antes de se apartar do mundo, antes de renunciar a ri-

queza, a fama, o poder, a mocidade, o amor, tudo, em fim, quanto desvanee os mortaes, não terá sustentado grave lucta com o seu coração? E quererá trazel-o de novo á pelega quando já triumphou? Não adivinha de certo, senhor Rubens, os desenganos, os pesares, as amarguras que lhe acarretaria o conhecimento da verdade das coisas humanas?

—Isso é renunciar a immortalidade!—gritou Rubens.

—Não, é aspirar a ella.

—E com que direito se interpõe entre esse homem e o mundo? Deixe que lhe falle, e elle decidirá.

—Faço-o com o direito de um irmão primogenito, de um mestre, de um pae, que tudo isto sou para elle. Faço-o em nome de Deus, torno a dizer-lhe. Respeite-o para socego de sua consciencia.

E assim dizendo, o religioso cobriu a cabeça com o capuz do habito, e afastou-se atravessando o templo.

—Vamos,—disse Rubens.—Sei o que me resta fazer.

—Mestre,—exclamou um dos discipulos que durante a anterior pratica estivera olhando ora para o religioso, ora para o quadro;—não julga que esse velho frade se parece muito com o mancebo que vemos moribundo no quadro?

—E é verdade!—prorompemram todos.

—Tirem-lhe as rugas e as barbas brancas, sommem os trinta annos que manifesta a pintura, e resultará que o mestre tinha razão quando affirmou, que o religioso morto era ao

ra da sua naturalidade, chegou domingo a esta villa e tomou logo posse do seu logar, o sr. Annibal de Vasconcellos (bacharel), administrador d'este concelho.

E visto que sua ex.^a inesperadamente regressou a esta terra, damos o dito por não dito, isto é, rectificamos o que d'aquelle tão illustre e digna auctoridade dissemos, por mal que nos informaram, no numero ultimo da nossa *Folha*.

O sr. Annibal de Vasconcellos não foi nomeado nosso representante no Japão; merece cousa melhor, attentos os seus serviços politicos.

Outra querella

Novamente, e pelo sr. padre José Maria Ancã, poeta, pelo que se vê, vem de ser querellado o ultimo numero do nosso conceituado collega aveirense *A Vitalidade*.

O sacerdote offendido não é para brincadeiras...

E d'ahi, o temor do sr. Accacio Rosa, que, com a maior placidez de espirito, vai dizendo:

«Continue, pois, o poeta com as suas ameaças e nós não nos incomodaremos com isso. Descance. Nós proseguiremos na tarefa que nos incumbem.»

Bravo! muito bem, intemerato collega! Nada de medo, e o que for soará.

Nem sempre podemos caminhar pela estrada da vida alegres, felizes, por entre *accacias e rosas*...

—Todavia, é mi-ter muita paciencia e mais... precaução.

Para Extremoz

A tomar posse da comarca alentejana, para onde foi transferido, partiu quinta-feira ultima o sr. Salgado e Carneiro, juiz de direito que foi d'esta comarca.

Aquelle magistrado, cuja ausencia nos amargurou bastante, afim de se poupar a estes golpes intimos por que se passa em occasiões de despedidas, partiu só,

queza, a fama, o poder, a mocidade, o amor, tudo, em fim, quanto desvanee os mortaes, não terá sustentado grave lucta com o seu coração? E quererá trazel-o de novo á pelega quando já triumphou? Não adivinha de certo, senhor Rubens, os desenganos, os pesares, as amarguras que lhe acarretaria o conhecimento da verdade das coisas humanas?

—Isso é renunciar a immortalidade!—gritou Rubens.

—Não, é aspirar a ella.

—E com que direito se interpõe entre esse homem e o mundo? Deixe que lhe falle, e elle decidirá.

—Faço-o com o direito de um irmão primogenito, de um mestre, de um pae, que tudo isto sou para elle. Faço-o em nome de Deus, torno a dizer-lhe. Respeite-o para socego de sua consciencia.

E assim dizendo, o religioso cobriu a cabeça com o capuz do habito, e afastou-se atravessando o templo.

—Vamos,—disse Rubens.—Sei o que me resta fazer.

—Mestre,—exclamou um dos discipulos que durante a anterior pratica estivera olhando ora para o religioso, ora para o quadro;—não julga que esse velho frade se parece muito com o mancebo que vemos moribundo no quadro?

—E é verdade!—prorompemram todos.

—Tirem-lhe as rugas e as barbas brancas, sommem os trinta annos que manifesta a pintura, e resultará que o mestre tinha razão quando affirmou, que o religioso morto era ao

completamente só, da sua habitação, á rua da Motta, até á estação ferrea, e d'alli esperou, lacrimoso e triste o comboyo que o devia conduzir sem perigo até Extremoz.

Pelo que nos consta, esperava o novo juiz d'aquella cidade um exercito de hespanholitas, por quem o sr. Salgado e Carneiro dá o cavaquinho e para quem, certamente, irá fazendo o seu pé de alferes, apesar de já velhote, e dará d'olho... mesmo através das lunetas escuras...

Passamentos

Finou-se na sexta-feira uma filhinha do nosso intimo e velho amigo Abel Augusto de Souza e Pinho, muito digno amanuense da administração do concelho.

Ao nosso amigo e familia enviamos o nosso pezame pelo duro golpe que soffreram.

—Tambem se sepultou no sabado a sr.^a Josepha da Netta. A sua familia enviou sentidos peza-

—Com a pequena idade de 90 annos falleceu Maria Graça, mais conhecida pela *Rainha*, do Poço de Baixo.

Apesar de *Rainha* o seu funeral foi pouco concorrido.

Anniversario natalicio

Passou no dia 20 de fevereiro passado o anniversario natalicio da ex.^{ma} sr.^a D. Rosa Sobreira, digna e extremosa esposa do nosso dilecto amigo, o sr. dr. Santos Sobreira.

A tão illustrada e bondoza senhora enviamos mil e sinceros parabens.

Chronica do Tribunal

Estava marcado para sexta-feira passada o julgamento do nosso amigo Izaac Silveira, e outros, accusados pelo ministerio publico de ter em 1894, disparado uns tiros contra a casa de José Fragateiro.

Como faltassem testemunhas de

mesmo tempo retrato e obra de um religioso vivo. Condemne-me Deus, se esse religioso vivo não é o padre prior.

III

Rubens, sombrio, envergonhado e profundamente enternecido, viu afastar-se o ancião, que o saudou cruzando os braços no peito antes de desaparecer.—«E' elle»... sim... —balbuciou o artista.—Vamos!—acrescentou, com emphase, voltando-se para os discipulos.

—Esse homem tinha razão. A gloria d'elle vale mais que a minha, porque não é ephemera e vã. Deixemol-o morrer em paz!

E dirigindo um ultimo olhar ao quadro que tanto o surprehendera, saiu do convento e dirigiu-se ao paço, onde suas mrgestades catholicas, segundo o costume, como é notorio, honravam o famoso pintor recebendo-o á sua mesa.

Tres dias depois voltou em busca do quadro, com o intuito de tirar uma copia, mas já lá o não achou!

Em compensação, viu que se estava celebrando uma missa de «requiem».

Aproximou-se para observar o semblante do defunto, que estava de corpo presente no meio da igreja, e viu com admiração e sentimento que era o do padre prior.

—Grande pintor era!—disse Rubens.—E agora ainda tem maior parecença com o retrato, que o do quadro era, com effeito, d'elle. Esvaeceu-se mais uma esperança para mim; talvez que para elle fosse grande felicidade. Deixou de padecer.

O mundo é assim!

O frade, que era homem de avançados annos, levantou-se penosamente, e respondeu com voz humilde e quebrantada:

—Que me quereis? O prior sou eu.

—Perdoai, meu padre,—replicou Rubens, que interrompa as suas orações. Poderia dizer-me quem é o auctor d'aquelle quadro?

—D'aquelle quadro? repetiu o religioso.—Não me recordo.

—Como? soube-o já e esqueceu-o?

—Sim, meu filho; esqueci-o completamente.

—Pois, meu padre—disse Rubens com ar zombeteiro e de mau humor—tem fraca memoria!

O prior tornou-se a ajoelhar.

—Venho em nome d'el-rei!—gritou Rubens emphaticamente.

—Que mais determina, meu irmão?—murmurou o frade erguendo tranquillamente a cabeça.

—Comprar-lhe este quadro.

—Esse quadro não se vende.

—Muito bem: necessito então saber onde encontrarei o auctor.

—Tambem é impossivel. O auctor já não está n'este mundo.

—Morreu!—exclamou Rubens com desesperação.

—O mestre dizia bem,—murmurou um dos moços discipulos;—o quadro está pintado por um defuncto...

—Morreu!—repetiu Rubens;—e ninguem o conheceu! esqueceram-lhe o nome! Um nome que devia ser immortal! Um nome que teria eclipsado o meu. Sim, «o meu»... padre!

—acrescentou o artista com

honroso orgulho—porque eu sou Pedro Paulo Rubens!

A este nome glorioso, que nenhum homem consagrado a Deus podia desconhecer, por andar ligado a cem quadros mysticos, que eram verdadeiras maravilhas da arte, o rosto macilento do prior còrou subitamente, e elle, erguendo os amortecidos olhos, fitou-os no semblante do flamengo com tanta veneração como prudencia.

—Ah! conhecia-me!—exclamou Rubens com infantil satisfação.—Avalio-o do intimo d'alma. D'esse modo será menos prior e menos frade comigo. Ora, vamos... Vende-me o quadro?

—E' impossivel;—respondeu o prior.

—Muito bem; sabe de alguma outra obra d'esse genio malgrado? Não se poderá lembrar do nome d'elle? Quer dizer-me quando morreu?

—Não me comprehendeu, penso,—replicou o frade. Disse-lhe que o auctor d'essa pintura não pertencia ao mundo; porém não quiz dizer-lhe que tivesse morrido.

—Vive! vive!—exclamaram todos os pintores.—Faça que o conheçamos!

—Para que? O infeliz renunciou tudo da terra; nada tem que vêr com os homens... Nada!

—Oh!—disse Rubens com exaltação—isso não pôde ser, meu padre! Quando Deus accende na alma o fogo sagrado do genio, não é para que essa alma se sepulte na obscuridade, senão para que cumpra a missão sublime de illuminar a alma

accusação, o ministerio publico requerer o addiamento.

Foi marcado o dia 28 de março para o julgamento.

No sabbado foi julgado em policia correccional Manoel Pereira Fonseca Lopes Junior, de S. Miguel, accusado pelo ministerio publico de ter *cascado* em Francisco da Cruz, na costa do Furadouro.

O ex.º juiz condemnou-o em 25 dias de cadeia remida à rasão de 120 réis por dia, e custas e sellos do processo.

Do livro *Lendas, tradições e contos hespanhoes*, colligidos e trasladados por Brito Aranha, copiamos o conto que hoje damos em folhetim na segunda pagina.

Notas rapidas

Encorajase amplamente restabelecido o nosso amigo e valente caudillo do partido regenerador, Francisco Barbosa de Quadros.

Tem passado melhor o rev.º Camossa, abbade d'esta freguezia.

Regressaram de Aveiro os estudantes Antonio, Salviano, Mario Cunha e Jayme do Amaral; e de Coimbra, Pedro Chaves e Audrade.

Falla-se na organisação d'uma Associação de Socorros.

Oxalá a ideia vá por diante, porque d'essa fonte, terão os artistas um futuro garantido.

Acompanhado de sua ex.ª familia, tem estado entre nós o nosso amigo Augusto Oliveira Gomes.

Tambem tem estado entre nós o ex.º dr. Fonseca e familia, de Esmoriz.

A esposa do nosso amigo, sr. Martins e Silva, de Pereira (Vallega) deu á luz na semana ultima, uma creança do sexo feminino.

Tem passado bastante incomodado o nosso amigo e digno recebedor Manoel Pereira Dias.

Sentimos.

«A Toutinegra do Moinho»

A antiga e acreditada casa *Bertrand*, de Lisboa, excellente livraria do sr. José Bastos, acaba de publicar o primeiro fasciculo de *A Toutinegra do Moinho*, romance inédito pelo laureado E'mile Richebourg.

A Toutinegra do Moinho é uma gentil menina a quem este nome foi dado por causa da sua voz maviosa. E' ella a protagonista d'este magnifico romance.

As aventuras, os transas, as peripeccias de sua vida constituem o enredo mais imaginoso e commovente que até hoje brotou do cerebro fecundo de Emilio Richebourg, o successor illustre de Ponson du Terrail, o rival de Xavier de Montépin, em summa, o escriptor conhecido em França e no mundo inteiro como o rei dos romancistas populares.

Em lucta com inimigos poderosos que não recuam deante de nenhuma infamia e nenhum crime para covarem o seu odio e conseguirem os seus negros fins, a graciosissima heroína, sem outras armas além da sua belleza e da sua innocencia, triumpho de todos os obstaculos e confunde os seus calumniadores.

Mas para chegar a este desenhado, quantas vicissitudes, quantas amarguras, quantas situações tragicas e pungentes, que é impossivel ler sem que os olhos se orvalhem de lagrimas e o coração se comprima de piedade!

Pelo seu desfecho, porém, este romance constitue resposta triumphante aos que pretendem que é o mal que governa o mundo e que os bons são n'elle sempre vencidos e sacrificados.

N'este livro verem-se, pelo contrario, que a victoria do crime é sempre ephemera e que á innocencia pertence o triumpho definitivo.

E', pois, além de um romance interessantissimo, um livro de alta e sã moralidade.

Para se avaliar o exito alcançado em França pela *Toutinegra do Moinho*, bastará dizer que a casa editora á qual a casa Bertrand comprou o direito de traducção, *que lhe pertence exclusivamente*, vendeu d'elle 80:000 exemplares no espaço de seis mezes.

Não duvidamos de que obterá entre nós um exito proporcional.

Aos correspondentes—Como pequena indemnisação para os srs. correspondentes pelos incommodos que lhes possa causar a distribuição dos fasciculos ou volumes, e das despesas com remessas de dinheiro, a empresa concederá a commissão de 20 por cento a todas as pessoas que se responsabilisarem por *qualquer numero de assignaturas* superior a cinco, e um exemplar gratis mais a quem se responsabilisar por cada dez assignaturas.

As pessoas residentes em Lisboa, que tiverem angariado assignaturas, tambem terão direito á commissão, ou ao exemplar gratis, se se encarregarem da distribuição das folhas ou volumes, que só lhes serão entregues no escriptorio da empresa e nunc por intermedio dos distribuidores ou livreiros.

Dirigir os pedidos da assignaturas á antiga casa Bertrand, José Bastos, editor—Rua Garrett, 73, Lisboa.

«Mala da Europa»

Temos presente o n.º 16 da *Mala da Europa*, magnifica revista noticiosa e illustrada, que, sob a direcção de Thomaz Ribeiro, se publica em Lisboa com destino ás nossas colonias e ao Brazil.

Este numero insere na 1.ª pagina o retrato do dr. Bias Fortes, presidente do Estado de Minas, Brazil; na 2.ª os retratos de Ruiz Zorrilla, e dos drs. Bottencourt Raposo, Carqueira Coimbra, Francisco Ferraz de Macedo e Pereira Lopes; na 3.ª os dos drs. Lauro Sodré, João Baptista Chaves, Ulysses Braga e José Bruno de Cabedo.

Abundantemente noticiosa, tanto dos acontecimentos de Portugal como do estrangeiro, com uma correspondencia especial de Paris, esta revista excede todas as que no genero se tem publicado no nosso paiz, e constitue pelo lado artistico uma palpitante actualidade.

O proximo numero da *Mala da Europa*, inteiramente dedicado a João de Deus, collaborado por muitos dos principaes escriptores portuguezes, entre os quaes algumas das mais puras e incontestaveis glorias da nossa litteratura, com trabalhos artisticos verdadeiramente notaveis, avultando entre elles toda a 1.ª pagina, com dois retratos de João de Deus, sobre os quaes a Patria lança flôres, além de outras photographuras da 2.ª e 3.ª paginas, com a casa onde nasceu o grande lyrico nacional e os retratos de alguns dos grandes poetas portuguezes que marcam periodos aureos na nossa historia litteraria, o proximo numero da *Mala da Europa*, repetimos, deve constituir o maior exito da manifestação nacional que se prepara a João de Deus para 8 de março proximo.

O preço d'este numero de luxo não excederá o preço ordinario do jornal, 100 réis.

«Revista das Escolas»

Temos presente o 3.º numero d'este jornal, cujo summario é o seguinte:

«Defeitos da nova reforma do ensino primario e secundario—II. Ainda a contextura do ensino—*Legislação escolar*: Decreto de 13 de dezembro, estabelecendo diversas prescripções, relativas ás faltas dos funcionarios publicos e mandando classificar os empregados existentes, além dos quadros *Pessoal das escolas*: Despachos pela direcção geral de instrucção publica—A demissão do secretario da Universidade de

Coimbra—*Secção litteraria e re-creativa*: A filha do convencionado, por Alfredo Alves Banhos geras—Poesia—O decalogo do pae—Charadas—Logogrifos—Enigmás—Maximas—*Correspondencias*—*Chronica da quinzena*.

SECÇÃO LITTERARIA

Je t'aime encore

Foi na praia.

As ondas verdes encrespavam-se ao nordeste. Não te recordas, Amalia, dos beijos que então me deste? Já não se póde, creança, apagar-me na lembrança esta ventura celeste!

O teu peito, doído, anciava... e a tua bocca, arrebatava canções que não traduzi!

Esquecel-al!

Ató coraste, não sei que balbuciaste quando «... um beijo!» te pedi!

A natureza dormia; Entre as nuvens se escondia a lua a tremer desejos! E eu preso em doces laços tive por berço os teus braços, a musica dos teus beijos!

Foi uma noite... é mentira. Foi um segundo d'amor! D'então minh'alma delira sósinha, em luto, na dôr! Estrella d'un novo mago fugiste! Eu perdi-me e vago n'estas trevas, n'este horror.

A's vezes vou encostar-me na praia, triste a seismar; tudo parece fallar-me as phrases que ouvi fallar! Só a lua não tem desejos, não traz manchas de setim, por vêr que tremem de beijos os teus labios de setim!

Morreste? Vives ainda retrato que esta alma doira: como sempre a face linda? como sempre a fronte loira? Suspiro por encontrar-te viver contigo a meu lado, e adormecer a embalar-te aos canticos do passado.

Se me esquece! As ondas verdes encrespavam-se ao nordeste. Quem sabe se ainda córas dos beijos que então me deste? Já não se póde, creança, apagar-me na lembrança esta ventura celeste! Azemeis, 95.

Olympio Fonseca.

Triste desillusão

(Continuado do n.º 130)

Um e outro, embaçados na doce fruição do passado, retemperavam-se no crisol do amor que recordava aquelles episodios da infancia onde tantas vezes consumiram os dias, e desvelaram as noites que haviam de ser origem de melhores dias.

Elle fingia amal-a doidamente, perdidamente. Ella amava-o como se ama uma só vez na vida; via n'elle a sua felicidade completa, a sua suprema idolatria.

Comtudo, da esperança á realidade ainda medeiava o abysmo que era mister passar, que era forçoso vencer. Ella julgava no sonho de sua ventura que esta vida é um jardim de flôres ou um oceano de prosperidades mas infelizmente, depara-se-nos quasi sempre a vida abrohada d'espinhos e crispada d'incertezas; usava os primeiros para, quiçá, bem cedo, amargar os segundos.

Quantas vezes no silencio da sua alma ella vin derruidos os castellos paradisiacos que tanto havia sonhado na loucura de seu amor!...

As lagrimas que lhe derivavam furtivas pelas faces de rosa, vaticinavam-lhe que a sua paixão fóra um mytho de verdade e erro, d'amor e loucura.

Oh! se os corações humanos não fossem inconstantes, a invenção do paraíso seria um insulto a Deus. Sofre-se cá n'este mundo muitas vezes as agonias dos rectos.

Como ella sentia os espinhos da duvida pungir-lhe o coração!...

E elle não mente porque é lá que se retratam todos os gosos, todos os cataclismos da existencia.

Victoria, se lêsse n'estes avisos intinos a mobilidade dos corações humanos, jámais sentiria os ludribios da sua paixão ardente.

Volvido pouco tempo mais, corria em toda a aldeia que Augusto fazia côrte a uma rapariga na freguezia visinha com quem muito breve, e até precisavam o dia, casaria.

Effectivamente, elle calcára aos pés as promessas que jurára á sua amiga da infancia e olvidando-a á mais cynica indifferença, entregou-se nos braços d'outra chamada Margarida; n'uma manhã de julho, quando o sol surgia na vermelhidão da madrugada, e quando as avezinhas trinvam nos cantares maviosos, aos primeiros arreboes do dia o sino da igreja matriz annunciava o en'ace d'Augusto e da sua nova amada...

Hoje a desventurada Victoria, pallida, com os cabellos em desalinho, percorre os caminhos do logar, cumprimentando os transeuntes com estrepitosas gargalhadas.

A loucura apossára-se d'ella, e alguém compadecido da infeliz que chora e ri inconscientemente, fez com que ella dêsse entrada n'um hospital d'alienados.

Porto. (Conclue). José Ribeiro Caldas.

CHRONICA

Por direito e por condescendencia, o meu illustre collega Pimpim, depois de duas grandes *estopadas* ao leitor sobre assumptos de pó de caco—assumptos sobre o valor... mulheril e tanto basta, cedeu-me o seu logar, e parece que espera cabal refutação a toda aquella lengalenga sem substancia, sem virilidade, a que se não poupou, não poupando a paciencia beatifica do leitor! Mas eu, que estou hoje de maré—caso raro!—talvez diga duas coisas amargas ao pedante do chronista *alambicado*, ao imbecil que chega ao atrevimento de insultar e menosprezar essa gloria ingleza que se chamou Guilherme Shakspeare, «esse Colombe do mundo moral» como lhe chama o prefaciador das suas obras immortaes!

Patife, pedante, imbecil, tudo, tudo!...

Com certeza, o Pimpim anda tresloucado, fóra de si; só no hospital inglez Bedlam é que elle estaria bem!

Patife, e, além de patife, insolente. Não passa de um sabujo, deu agora em lambor os pés das mulheres, «d'esses pharoes rutilantes», como elle diz!

Pimpim é tolo, e para os tolos...

Mas ninguem dá attenção aos *defensores* das mulheres, tanto mais porque ninguem deve ignorar que ellas, essas sanguessugas veneosas, peçonhentas, remeladas, só produzem o mal da sociedade...

Aonde entra a mulher, entra a discórdia; por causa d'ella todos os ciumes, todas as infamias, todas as calamidades...

A mulher é um demonio!

O homem é um anjo!

A mulher tem amor de gato!

O homem amor de cão!

A mulher é aspera como a urtiga.

O homem macio e docil como as pétalas das rosas.

Em conclusão: quereis saber o que G. Shakspeare disse do homem?

«...O homem é obra acabada e perfeitissima! Como é nobre pela razão! infinito pelas facultades! expressivo e admiravel na forma e nos movimentos! Quão semelhante a um anjo pelas acções! a um Deus pelo entendimento!

E' a belleza do mundo, o typo ideal dos animaes!»

(«Hamlet», acto 2.º, scena 2.ª, pag. 200 e 201).

Que dirá agora o creança-malcreado e difamador do Pimpim, d'esse censor dos dez réis a duzia, que tenta desprestigiar o grande dramaturgo inglez, quando Pimpim ao pé d'este genio não é mais nem menos do que um atomo dos atomos?...

Puff! agora fallei bem!

Isto é que são doutrinas, isto é que é saber (gaba-te cesta...) refutar com dados e tudo!

O homem é «semelhante á um anjo pelas acções! a um Deus pelo entendimento!»

Está dito tudo; e se isto ainda não basta para te convencer, ó gente leiga, de que a mulher em face do homem nada vale, absolutamente nada, lê este periodo de Victor Hugo, na sua obra *«Nossa Senhora de Paris»*:

«Amei primeiro as mulheres, depois os animaes, e agora amo as pedras que são tão encantadoras como os animaes e as mulheres, e menos perdidas que estas».

O grande genio francez lá tinha as suas razões para chamar ás mulheres—perfidias!

Que contrastel!

A mulher é *perfidia*, e o homem um anjo, um deus, a belleza do mundo!!!

Ora toma, Pimpim; ora toma, gente ignorante, que te deixas seduzir pelo olhar peçonhento do bicho chamado—mulher!

* * *

De fugida, e porque, como disse, estou de maré, rabisquei pouco, mas o bastante para desmentir as *heresias*, essas phrases bonitas sómente para agrado das mulheres. (O diabo as leve a todas, mesmo a ti... —ó pallida feiticera!)

Com que, o Pimpim costuma *brindar* as leitoras. Contra factos não ha argumentos.

Disse Chaumette, orador jacobino:

«As mulheres só são alguma coisa quando os homens não são nada; haja vista Joanna d'Arc, que só foi grande porque Carlos VII era menos que um homem!»

Ponto final na questão, e regeito parabens.

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Vallega, 25 de fevereiro

(Correspondencia particular)

A junta de parochia—Incendio—Outras noticias

A actual junta de parochia não tem recursos para occorrer ás despesas ordinarias.

Não sabemos a causa, mas cremos piamente que se ella fosse mais zelosa na administração não haveria assim uma pobreza *franciscana*!

Desleixo talvez, e nada mais.

No entanto, quando á mesma junta presidiam os srs. Manoel Augusto da Silva, fallecido ha muitos annos, e Antonio de Oliveira Martins, succedia o contrario.

Boa vontade, e mais cuidado.

A junta tem por ahí uma porção de maninhos arrendados a amigos.

Quanto rendem?

E' o que não sabemos.

Haja melhor administração, se os srs. da junta a souberem fazer.

«A gente anda no mundo a aprender até morrer...»

—No dia 19 do corrente, um rapasito, neto do sr. Domingos Ignacio Santhiago, do logar de São João, andando a brincar com phosphoros, acendeu um, e lançou-o a uma meda de palha pertencente ao mesmo sr Domingos. Foi maior o susto que o prejuizo; e antes assim.

—Principiaram no domingo os exercicios, na igreja d'esta freguezia, das *quarenta horas*.

Foi bastante a concorrência áquelle templo.

S.

ANNUNCIO

(2.ª PUBLICAÇÃO)

No juízo de direito da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Coelho, correm seus termos uns autos d'acção de petição de herança em que são auctores Antonio d'Oliveira de Pinho, viuvo; Manoel Bernardo d'Oliveira, e mulher, Rosa Maria d'Ascensão e marido, da Ponte Reada; Rosa d'Oliveira de Pinho e marido; Manoel d'Oliveira Maia e mulher, de Cimo de Villa; e José da Silva Clemencio e mulher, do Salgueiral de Cima, todos da freguezia d'Ovar, e réos o ministério publico e interessados incertos, para haverem os bens de seu irmão e tio José Joaquim d'Oliveira de Pinho, auzente ha mais de 20 annos: que por sentença de 13 do corrente mez e anno, os auctores foram julgados unicos e universaes herdeiros do dito auzente José Joaquim de Oliveira de Pinho, para o fim de haverem os bens da sua herança, havendo os auctores Antonio, Rosa Maria, Rosa e Manoel Bernardo, cada um uma quinta parte, e os auctores Manoel e José a outra quinta parte, para a dividirem entre si.

O que se annuncia nos termos do art. 407.º § 2.º do Cod. do Proc. Civil.

Ovar, 16 de fevereiro de 1895.

O juiz de direito, 2.º substituto,
Descalço Coentro.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.
(49)

AGRADECIMENTO

Abel Augusto de Souza e Pinho e sua esposa Maria José Coentro e Pinho, profundamente reconhecidos e pehorados para com todas as pessoas que se dignaram cumprimental-os por occasião do fallecimento de sua chorada filhinha, e bem assim ás que a acompanharam á sepultura, veem por este meio agradecer e testemunhar a sua inolvidavel gratidão.

Ovar, 27 de fevereiro de 1895.

«A Bordadeira e Moda Portugueza»

O melhor jornal de bordados e modas em portuguez e o unico exclusivamente feito em Portugal: Cada numero de 20 paginas 50 réis. por assignatura, ou 60 réis avulso. Tiragem 5:000 exemplares. Assigna-se na Agencia Portuense de Publicidade, rua do Calvario, 17 —Porto, ou no Centro de Publicações, de Francisco de Souza Motta, rua dos Retrozeiros, 153—Lisboa.

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Por este juízo de direito, escrivão Sobreira, correm editos de 30 dias a contar da 2.ª publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando Manoel da Fonseca Martins, do logar do Seixo Branco, freguezia de Vallega, mas auzente em parte incerta do Brazil, para no prazo de dez dias depois de findos os editos, pagar a Antonio da Fonseca Martins e mulher Anna Thereza de Jesus, a quantia de 45\$512 réis, e a Maria Thereza, viuva, a quantia de 36\$745 réis, proveniente de tornos que o citando lhes ficou obrigado a dar na partilha effectuada no inventario a que se procedeu por obito de José da Fonseca Martins, morador, que foi, no dito logar e freguezia, onde tambem residem os exequentes, ou vir nomear á penhora bens suficientes para tal pagamento e dar custas e sellos que accrescerem, sob pena de se devolver aos exequentes o direito da nomeação e de seguir a execução os seus termos.

Ovar, 18 de fevereiro de 1895.

Verifiquei.

O escrivão,

Antonio dos Santos Sobreira.

O 2.º substituto do juiz de direito em exercicio,

Descalço Coentro.

(51)

O procurador do contribuinte industrial

Collecção de modelos de requerimentos para uso dos cidadãos sujeitos a contribuição industrial

O contribuinte, que se regule por esta obra, está perfeitamente habilitado a pedir redução nas collectas lançadas, a seguir recursos, etc., tudo sem precisão de procurador, porque encontra no livro todos os modelos precisos, para pedir exclusão da matriz, por indevida inclusão; de recurso para o juiz de direito; quando haja erro na matriz, por designação de pessoa na indicação da classe; para requerer escusa de membro do gremio; para requerer redução de collecta; reclamação para a junta dos repartidores; para o supremo tribunal administrativo; para quando só tenha exercido a industria uma parte do anno; declaração de cessação de industria; para pedir titulo de annullação; para recursos extraordinarios; para reclamar a annullação de multa por falta de declarações; para quando seja errada a designação do local onde é exercida a industria; para requerer exclusão da matriz por cessação da industria; para recurso por duplicação de lançamento; para requerer titulo de annullação, e outros.

Preço 200 réis—Pedidos á «Biblioteca Popular de Legislação», rua da Atalaya, 183 1.º, Lisboa.

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juízo de direito d'esta comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão Coelho, correm editos de trinta dias a contar da segunda e ultima publicação d'este annuncio no «Diario do Governo», citando Joaquim Alves Pereira, casado, residente no Rio de Janeiro, Estados-Unidos do Brazil, mas em parte incerta, para todos os termos até final do inventario orphas nologico a que se procede por fallecimento de João Alves Pereira, morador, que foi, no logar da Boa-Vista, freguezia d'Esmoriz, d'esta comarca.

Ovar, 19 de fevereiro de 1895.

Verifiquei.

O juiz de direito, 2.º substituto,
Descalço Coentro.

O escrivão,

João Ferreira Coelho.

(50)

Liquidação

De mobilia d'hotel, constando de camas, colchões, mezas, cadeiras, banheiras, caldeira, louça ingleza, mezinhas de cabeceira, canalisações, roupas brancas de camas, toalhas grandes e pequenas de meza, ditas de mãos, cobertores, cobertas brancas, cabeceiras e cabeceirinhas, baldes e regadores, lavatorios, etc., etc.

Pretende-se vender tudo junto.

A venda é feita na Praia do Furadouro, onde estão estes objectos.

Quem pretender dirija-se a esta redacção.

Revista das Escolas

Publicação periodica quinzenal

As assignaturas são annuaes, sempre a partir de janeiro e a acabar em dezembro de cada anno.

São pagas adeantadamente, podendo o assignante satisfazer o pagamento por semestre.

A *Revista das Escolas* publicase-ha regularmente nos dias 1 e 15 de cada mez, a partir de 15 do corrente; tendo cada numero, pelo menos, 16 paginas in-4.º grande e formatá no fim do anno um volume com um indice alphabetico. A administração da *Revista* incumbese de o mandar encadernar por um preço excepcionalmente modico.

A empresa offerece *gratis* os seus serviços n'esta cidade a todos os srs. assignantes; e satisfará com a maxima rapidez possivel as encomendas ou pedidos que lhe forem dirigidos, mesmo para negocios puramente particulares.

Acceitam-se correspondentes em todas as localidades do paiz e nos Estados Unidos do Brazil. Os srs. correspondentes gosarão de certos favores, que serão, opportunamente especificados em circular.

Toda a correspondencia enviada ao director, Palacete da Travessa da Fabrica, 2—Porto.

Editores—Belem & C.ª

Rua do Marechal Saldanha, 26—Lisboa

OS DOIS ORPHÃOS

POR

ADOLPHE D'ENNERY

Auctor dos muito applaudidos dramas

«As duas orphãs»—«A Martyr» e outros

Os dois orphãos é um verdadeiro romance de amor, de ciúme e de paixões violentas, em que a intriga e a perfidia olíentia criam a cada momento situações palpitantes de interesse e de anciedade. Pela contextura devéras impressionante e admiravel combinação das scenas, que n'elle se descrevem, assim como pelo esmero e elevação da sua linguagem, este trabalho, que agora obteve em França o mais entusiastico e caloroso acolhimento, tem todo o direito a ser considerado como uma verdadeira joia da moderna litteratura.

Adolphe d'Ennery, escrevendo o romance, cuja edição portugueza vamos publicar, inspirou-se nos sentimentos e commoções, que mais poderosamente haviam contribuido para a verdadeira celebridade, adquirida pelos seus trabalhos anteriores.

O romance *Os dois orphãos* é destinado a ser lido por todas as classes da sociedade, e temos a convicção intima de que em todas ha de produzir uma immensa e bem justificada sensação. E' que o espirito do povo, aberto sempre aos principios da rectidão e da justiça, nunca regateia o seu applauso aos trabalhos de manifesto e incontestavel merecimento.

BRINDE

MONUMENTO DE MAFRA

Vista geral tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres, copia fiel d'este monumento historico, que é o mais importante edificio de Portugal, e um dos maiores e mais sumptuosos da Europa, do rigoroso e puro estilo da renascença.

A estampa tem as dimensões de 72 por 60 centímetros, e é a mais completa e detalhada que até hoje tem apparecido.

CASA EDITORA

DE

GUILLARD, AILLAUD & C.ª

Rua Aurea, 242-1.º

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc.

Este Manual de Carpinteria e Marceneria contem approximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

EDITOS

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Na comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, corre seus termos uma acção de petição de herança requerida por Manoel Marques de Sá e mulher, Maria Fernandes, do logar do Carrascal, freguezia d'Arada, Margarida Fernandes, solteira, suijures, do logar da Ponte Nova, freguezia d'Ovar, e Joanna Fernandes e marido, Antonio Rodrigues de Carvalho, do logar do Outeiral, freguezia d'Esparga, comarca da Feiras, para haverem tres quartas partes dos bens de seu irmão, Antonio José d'Almeida, ausente, e na qual allegam: que por obito de Antonio José d'Almeida, viuvo de Maria Fernandes, pae dos requerentes e do ausente, se fez inventario, sendo herdeiros os mesmos requerente e auzentes, e ainda Manoel Francisco Placido, neto dos fallecidos, filho de sua fallecida filha Anna Fernandes, que o referido neto do fallecido e sobrinho do auzente já requereu e obteve a quarta parte da herança d'este—que o auzente se retirou para parte incerta, ha mais de trinta e cinco annos, sem que nunca tivessem noticias d'elle—que não tem ascendentes nem descendentes, e não deixou testamento, sendo, portanto, suas herdeiras as requerentes Maria, Margarida e Joanna Fernandes, irmãs germanas do auzente, a ellas devem ser adjudicadas as $\frac{3}{4}$ partes da herança.

Porisso pelo presente correm editos de seis mezes e de quarenta dias a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, citando pelos primeiros o auzente Antonio José d'Almeida, e pelos segundos os interessados incertos para na segunda audiencia, findo o prazo dos editos, verem accusar a citação, e seguir os demais termos.

As audiencias n'este juízo fazem-se ás segundas e quintas-feiras de cada semana, por dez horas da manhã, no tribunal da comarca, sito no largo de S. Pedro, d'esta villa, ou nos dias immediatos, sendo aquelles sanctificados ou feriados.

Ovar, 4 de fevereiro de 1895.

Verifiquei

O juiz de direito, 2.º substituto,
Descalço Coentro.

O escrivão,

Eduardo Elycio Ferraz de Abreu.
(48)

IMPRESA CIVILIZAÇÃO
Rua de Passos Manoel, 211 a 219